

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

SIMONE ALVES EMED

**INTERCULTURALIDADE NAS PRÁTICAS DOCENTES: EDUCAÇÃO INFANTIL
EM CONTEXTO DE FRONTEIRA NA CIDADE DE FOZ DO IGUAÇU**

MEDIANEIRA

2023

SIMONE ALVES EMED

**INTERCULTURALIDADE NAS PRÁTICAS DOCENTES: EDUCAÇÃO INFANTIL
EM CONTEXTO DE FRONTEIRA NA CIDADE DE FOZ DO IGUAÇU**

**INTERCULTURALITY IN TEACHING PRACTICES: EARLY CHILDHOOD
EDUCATION IN A BORDER CONTEXT**

Trabalho de conclusão de curso de Especialização apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientadora: Professora Doutora Maria Fatima Menegazzo Nicodem

MEDIANEIRA

2023



Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

SIMONE ALVES EMED

**INTERCULTURALIDADE NAS PRÁTICAS DOCENTES: EDUCAÇÃO INFANTIL
EM CONTEXTO DE FRONTEIRA NA CIDADE DE FOZ DO IGUAÇU**

Trabalho de conclusão de curso de Especialização apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientadora: Professora Doutora Maria Fatima Menegazzo Nicodem

Data de aprovação: 23/dezembro/2023

Professora Maria Fatima Menegazzo Nicodem
Doutora em Educação, Pós Doc Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Cidmar Ortiz dos Santos
Doutor em Educação Tecnológica ensino de Ciência e Tecnologia
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Sonia Vieira
Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino
Universidade Aberta do Brasil

MEDIANEIRA

2023

Dedico este trabalho com muito carinho, aos meus pais, Waldemar e Aneir, que me ensinaram a ser persistente. Ao meu esposo, Felipe, que esteve sempre ao meu lado, compartilhando dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me concedido, através de sua bondade infinita, o potencial de concretizar mais uma conquista em minha vida.

Ao meu esposo, Felipe, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem apoiando-me nos momentos difíceis. E não deixando de agradecer de forma grandiosa meus pais, Waldemar e Aneir, a quem eu rogo todas as noites a minha existência.

A todo o corpo docente da instituição, mas em especial a minha orientadora, Professora Doutora Maria Fatima Menegazzo Nicodem, pelos seus conhecimentos e auxílio, me incentivando a vencer as etapas, e também, pelas suas observações acertadas, as quais contribuíram para elaboração e aprimoramento deste trabalho, minha gratidão e admiração.

Aos meus colegas de sala pelos incentivos nos momentos difíceis e auxílio nas dúvidas quanto ao percurso do curso.

Ao coordenador do curso Henry Brandão e à Secretaria do Curso, pela cooperação.

À Tutora Sônia Vieira, que de forma especial e com muita paciência e de uma incrível educação, sempre esteve ao lado dos discentes, buscando dirimir todas as dúvidas e intercedendo por nós junto a coordenação.

Enfim, a todos os que por algum motivo contribuíram para a realização desta pesquisa.

A mente se alimenta de ideias e, portanto, as crianças devem ter um currículo generoso. Permita que as crianças se alimentem do bem, o excelente, o ótimo! Não entre em seu caminho com pequenas palestras, fatos e visitas guiadas.

MASON; CHARLOTTE, 2018.

RESUMO

Este trabalho aborda como tema as práticas docentes interculturais em contexto de fronteira. Como objetivo propõe repensar formas de se construir práticas pedagógicas condizentes com uma perspectiva intercultural, a partir de formações continuadas capazes de impulsionar a construção de práticas educativas que dialoguem com as transformações sociais e culturais atuais, promovendo assim a interculturalidade no espaço escolar. O município iguaçuense se caracteriza pela diversidade, especialmente étnica, linguística e cultural, e que está presente nos mais variados espaços compartilhados, tais diversidades são recebidas e tratadas de diferentes maneiras pelas pessoas e setores públicos e privados que conformam a cidade. Dentre estes espaços compartilhados está a escola que se caracteriza por ser um cenário altamente diverso, extrapolando os âmbitos linguísticos e regionais brasileiros, somam-se a tudo isso, as demais diferenças já existentes no contexto escolar, sejam as de natureza econômica, religiosa, e/ou cultural que variam de acordo com cada família, cada sujeito. Mesmo dentro desse cenário, nota-se, de forma geral, a predominância de atividades escolares alheias à vida dos discentes, descoladas de temas atuais e pouco integradas às suas culturas. Acredita-se que as práticas pedagógicas monoculturais podem ser rompidas por meio de estudos e reflexões coletivas possibilitadas através de projetos de extensão, oficinas, ou seja, movimento de capacitação/formação continuada dentro da instituição. Quanto à metodologia utilizou-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo com abordagem qualitativa, além de uma breve pesquisa documental a partir dos documentos e leis escolares focalizando a diversidade cultural na perspectiva do desenvolvimento de práticas ancoradas no interculturalismo. Dessa forma este estudo está pautado, principalmente, nos postulados teóricos de Berger (2015), Candau (2008), Flores (2022), Deus (2019), Santiago; Akkari; Marques (2013), Oliveira (2019) e Walsh (2001). Os resultados indicam que é necessário no conjunto coletivo de professores, pensar os currículos, o projeto político pedagógico da escola, além de buscar formações continuadas capazes de trazer reflexões sobre a perspectiva intercultural a todo o corpo docente e demais funcionários, visto que a empatia, o acolhimento e a afetividade devem ser praticadas por todos os que estão em contato com os alunos, isso é proporcionar um ambiente acolhedor em sua totalidade. Além disso, a formação docente deve ser crítica e embasada teoricamente, ancorada na relação entre teoria e prática, considerando sempre a realidade fronteiriça. Outro ponto a ser destacado, além das práticas educativas e formação de professores, parte da reestruturação do currículo, essa reestruturação deve passar pela decolonização dos currículos, assim poderá incluir e celebrar a diversidade cultural, promovendo o entendimento e o respeito mútuo entre diferentes grupos étnicos e culturais. Para se alcançar tão almejada situação, a inclusão da perspectiva intercultural dentro das escolas é necessária, o que não é tarefa simples, fácil ou descomplicada, pelo contrário, exige mudanças radicais na organização do currículo e do planejamento escolar, além de total abertura e adesão dos sujeitos escolares, do contrário, sofre a pena de ser apenas uma abstração.

Palavras-chave: educação intercultural; fronteira; diversidade; práticas docentes.

ABSTRACT

This work addresses intercultural teaching practices in a border context as a theme. The objective is to rethink ways of building pedagogical practices consistent with an intercultural perspective, based on continuous training capable of boosting the construction of educational practices that dialogue with current social and cultural transformations, thus promoting interculturality in the school space. The municipality of Iguaçu is characterized by diversity, especially ethnic, linguistic and cultural, and which is present in the most varied shared spaces. Such diversity is received and treated in different ways by the people and public and private sectors that make up the city. Among these shared spaces is the school, which is characterized by being a highly diverse scenario, going beyond the Brazilian linguistic and regional scopes. Added to all this, are the other differences that already exist in the school context, be they of an economic, religious, and /or cultural that vary according to each family, each subject. Even within this scenario, there is, in general, a predominance of school activities that are foreign to the students' lives, detached from current topics and poorly integrated into their cultures. It is believed that monocultural pedagogical practices can be broken through collective studies and reflections made possible through extension projects, workshops, that is, a training/continuing training movement within the institution. Regarding the methodology, a descriptive literature review with a qualitative approach was used, in addition to a brief documentary research based on school documents and laws focusing on cultural diversity from the perspective of developing practices anchored in interculturalism. Therefore, this study is based mainly on the theoretical postulates of Berger, Candau, Flores, Deus, Santiago; Akkari; Marques and Oliveira. The results indicate that it is necessary for the collective group of teachers to think about curricula, the school's political pedagogical project, in addition to seeking continued training capable of bringing reflections on the intercultural perspective to the entire teaching staff and other employees, since empathy, welcoming and affection must be practiced by everyone who is in contact with students, this means providing a welcoming environment in its entirety. Furthermore, teacher training must be critical and theoretically based, anchored in the relationship between theory and practice, always considering the border reality. Another point to be highlighted, in addition to educational practices and teacher training, part of the restructuring of the curriculum, this restructuring must involve the decolonization of curricula, thus including and celebrating cultural diversity, promoting understanding and mutual respect between different ethnic groups and cultural. To achieve such a desired situation, the inclusion of an intercultural perspective within schools is necessary, which is not a simple, easy or uncomplicated task, on the contrary, it requires radical changes in the organization of the curriculum and school planning, in addition to total openness and adherence of school subjects, otherwise, it suffers the penalty of being just an abstraction.

Keywords: intercultural education; border; diversity; teaching practices.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	DESENVOLVIMENTO	17
	2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA: INTERCULTURALIDADE E PERCURSOS	17
	2.2 PERCURSOS INTERCULTURAIIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
	2.3FORMAÇÃO CONTINUADA E PERMANENTE: CAMINHOS POSSÍVEIS.....	27
	2.4DOCUMENTOS EDUCIONAIS E SUAS ORIENTAÇÕES EM TORNO DA INTERCULTURALIDADE	30
	2.5RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da globalização no século passado, foi possível perceber uma contínua eliminação das fronteiras internacionais e, como consequência, surgiram muitos estudos e reflexões sobre os temas: multiculturalismo, interculturalidade, diversidade cultural, diversidade linguística, entre outros assuntos sobre as diferentes identidades existentes no espaço escolar, principalmente, no contexto de fronteira.

A cidade de Foz do Iguaçu, que faz parte da “Tríplice Fronteira”, formada pelo Brasil, Paraguai e Argentina, tem uma população estimada de 285.415 habitantes, considerando os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), está localizada na região do extremo oeste do estado do Paraná e possui uma área territorial de 609,192 km (2022). Seus quase 290.000 mil habitantes são oriundos de diversas regiões do Brasil e do mundo, uma vez que sua comunidade é constituída por cerca de 80 etnias diferentes, segundo dados disponibilizados pela Delegacia da Receita Federal de Foz do Iguaçu.

Além do trânsito constante dos habitantes nos países vizinhos, tem-se ainda, morando na cidade, a comunidade árabe, a qual busca manter suas práticas culturais e linguísticas. A toda essa diversidade cultural e linguística, soma-se, desde o ano de 2010, o início das atividades educacionais realizadas pela recém-criada Universidade da Integração Latino-Americana (UNILA), cuja concepção é congregar diversos países em sua constituição, com alunos de inúmeras nacionalidades latino-americanas, matriculados em seus diversos cursos de graduação e de pós-graduação. Nos últimos anos também cresceu a quantidade de imigrantes de outros estados com o objetivo de estudar medicina no Paraguai e, dessa forma, muitos desses estudantes trazem seus filhos pequenos, os quais precisam estar matriculados e estudando.

Essa diversidade, especialmente étnica, linguística e cultural, que caracteriza o município iguaçuense e que está presente nos mais variados espaços compartilhados, é recebida e tratada de diferentes maneiras pelas pessoas e setores públicos e privados que conformam a cidade. Por vezes, tem-se um acolhimento e respeito à diversidade, ações que contribuem para a integração em sociedade; e por vezes tem-se atitudes que intensificam a discriminação e a exclusão da comunidade, conduzindo o “diferente” à marginalidade.

Dentre estes espaços compartilhados está a escola que se caracteriza por ser um cenário altamente diverso, pois é constituído de seres humanos plurais, cujas diversidades extrapolam os âmbitos linguísticos e regionais brasileiros, uma vez que nas instituições de ensino iguaçuense há alunos que são filhos de pais venezuelanos, bolivianos, árabes, paraguaios, entre outras nacionalidades, bem como brasiguaios e crianças que moram no Paraguai e frequentam a escola brasileira, além de crianças advindas de outros estados do Brasil. Somam-se a tudo isso, as demais diferenças já existentes no contexto escolar, sejam as de natureza econômica, religiosa, e/ou cultural que variam de acordo com cada família, cada sujeito.

Em se tratando da educação infantil, é papel do CMEI manter as variedades socioculturais que chegam à sala de aula, além de valorizá-las e explorá-las em todos aspectos advindos destas variações. Valorizar a história, os conhecimentos e as diferenças culturais de cada um é fundamental para a emancipação social dos nossos alunos, pois é na educação infantil que ocorre a socialização primária, propiciando a interação com o meio e com outros indivíduos, há a aprendizagem e apreensão de valores e condutas, noções de agir e reagir em diversas circunstâncias de acordo a cultura ao qual se está inserido. Por isso, a escola precisa ser um lugar de acolhimento e interação entre culturas.

Quanto à delimitação do tema, pontua-se que a fim de compreender a realidade local e a diversidade que permeia aqueles que estão em contato com o chão da escola, um olhar de onde estão os meus pés é imprescindível. Por isso, pesquisas sobre práticas docentes interculturais são essenciais para entender como os educadores podem promover a inclusão e a valorização da diversidade, diante disso, a fim de fomentar o campo de formações de professores sob tal perspectiva a presente pesquisa fará um levantamento bibliográfico no que diz respeito a educação intercultural e acolhimento com vistas a identificar e repensar formas de se construir práticas pedagógicas condizentes com uma perspectiva intercultural.

O número de produções encontradas evidencia a necessidade de mais estudos dedicados à educação intercultural e à interculturalidade, e tal necessidade, por sua vez, evidencia nosso despreparo para trabalhar dentro desta perspectiva. Por isso, da necessidade de haver, mais pesquisas na área.

No que diz respeito à justificativa, a proposição desta pesquisa vem das minhas experiências vividas em sala de aula na educação infantil. Na minha prática

pedagógica desenvolvida nesse cenário essencialmente multicultural, enfrentei, cotidianamente, uma série de questionamentos a respeito de minha prática docente e que me levaram a refletir se por vezes invisibilizei as expressões de identidades de meus alunos.

Questionamentos como este me levaram a refletir sobre as relações culturais de cada aluno em sala de aula e percebi certa dificuldade em realizar o processo de ensino-aprendizagem de forma viva e eficaz, de ser capaz de interagir com os mais diversos contextos encontrados em sala, dificuldades em acolhê-los, percebi então que muitas das minhas práticas pedagógicas adotadas não estavam voltadas para uma educação intercultural. Ao observar o meu entorno pude perceber que essa dificuldade era comum entre os demais professores e que não eram somente os meus alunos que sofriam essa invisibilização.

Diante de todo esse contexto, é necessário vislumbrar uma educação que tenha como prática social exercitar o respeito e a valorização do indivíduo enquanto um sujeito de direito e compreender que, para dentro dos muros escolares, é necessário enxergar o aluno como ele é de fato, isto é, em sua diversidade. Portanto, levar em consideração os dizeres de cada criança, respeitando sua singularidade, buscando revisar as práticas pedagógicas monoculturais, ainda, fortemente presentes nas salas de aula, é uma pauta urgente.

Para isso, é necessário, no conjunto coletivo de professores, pensar os currículos, o projeto político pedagógico da escola, os planejamentos, além de buscar formações continuadas capazes de trazer reflexões sobre a perspectiva intercultural a todo o corpo docente e demais funcionários, visto que a empatia, o acolhimento e a afetividade devem ser praticadas por todos os que estão em contato com os alunos, isso é proporcionar um ambiente acolhedor em sua totalidade. Sob esta premissa, quem sabe “a escola passe a assumir a construção de seus processos educativos com base nas relações interculturais, em que a interação e o diálogo produzam novos significados sobre os diferentes contextos culturais” (Santiago; Akkari; Marques, 2013, p. 181). O que implica num esforço contínuo de desconstrução de condutas escolares que não promovam a equidade e a democracia em um ambiente de interculturalidade.

Dessa forma, entendo que é necessário combater o silenciamento e esquecimento desses indivíduos, para que a escola seja concebida como um centro

cultural em que diferentes linguagens e expressões culturais estão presentes e são produzidas.

Uma abordagem intercultural diz respeito a uma aprendizagem significativa, social e culturalmente situada, promove o encontro entre os membros de culturas diferentes e possibilita o desenvolvimento de sentimentos positivos em relação à diversidade como um todo.

Contudo, muitas vezes a escola não oferece aos seus educadores e funcionários uma formação adequada para lidar com a diversidade e tampouco promover inter-relações no contexto sociocultural da escola. Por isso, a importância de se ter formações para os docentes em uma perspectiva intercultural, para que esse seja o condutor de um trabalho pedagógico capaz de promover o reconhecimento das diferenças existentes no ambiente escolar.

No que se refere ao problema e à hipótese de pesquisa, apresenta-se que o espaço escolar se caracteriza pela coexistência, muitas vezes conflituosa, de diferentes culturas, etnias e nacionalidades. Mesmo dentro desse cenário, nota-se, de forma geral, a predominância de atividades escolares alheias à vida dos discentes, descoladas de temas atuais e pouco integradas às suas culturas. Como aponta Candau (2008, p. 53), um dos aspectos fundamentais para a construção de uma educação voltada para transformação social é “questionar o caráter monocultural e o etnocentrismo que, explícita ou implicitamente, estão presentes na escola e nas políticas educativas e impregnam os currículos escolares”.

Portanto, ao considerar o contexto educacional essencialmente multicultural ao qual a presente pesquisa está inserida, a formação acadêmica precária relativa ao multiculturalismo, à interculturalidade e da padronização das identidades no âmbito escolar, o que leva a uma pedagogia que perpetua e reproduz desigualdades, pergunto-me:

1. Como promover a inclusão e a interculturalidade no espaço escolar por meio de práticas docentes que contemplem a diversidade existente?
2. Como elaborar propostas pedagógicas específicas para a formação continuada levando-se em consideração o contexto, problematizando e não folclorizando?

Entendo que a instituição escolar pode e deve ser um espaço fecundo de trocas culturais. Daí a importância de repensar em como promover a inserção de

estudantes oriundos de diversas matrizes culturais. Acredita-se que as práticas pedagógicas monoculturais podem ser rompidas por meio de estudos e reflexões coletivas possibilitadas através de projetos de extensão, oficinas, ou seja, movimento de capacitação/formação continuada dentro da instituição.

Os objetivos assim estão postos: Como geral, repensar formas de se construir práticas pedagógicas condizentes com uma perspectiva intercultural, a partir de formações continuadas capazes de impulsionar a construção de práticas educativas que dialoguem com as transformações sociais e culturais atuais, promovendo assim a interculturalidade no espaço escolar.

E como específicos, tem-se os seguintes objetivos: Identificar propostas educacionais que visam a promover a relação e o respeito entre grupos socioculturais, mediante processos democráticos e dialógicos; Identificar e descrever algumas das orientações que trazem os documentos que norteiam as práticas em torno da interculturalidade, principalmente por tratar-se de uma região de fronteira; Fornecer elementos que possibilitem a construção de novos conhecimentos acerca do papel dos educadores e direcioná-los para a configuração intercultural do processo de aprendizagem.

Quanto à metodologia e aos procedimentos utilizados nesta monografia: trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo com abordagem qualitativa. Nesse tipo de pesquisa busca-se “[...] explicar um problema a contar de referências teóricas publicadas em artigos, livros e dissertações e teses” (Cervo, Bervian & Silva, 2007, p.60). O aspecto qualitativo é fundamental nesse tipo de pesquisa, uma vez que atende de forma apropriada a pesquisa em ciências sociais, pois analisa e compreende o objeto de pesquisa em sua especificidade e subjetividade, além de não desconsiderar toda a complexidade que envolve.

Por ser de natureza qualitativa, com ênfase na análise das informações por meio de leitura exploratória do material encontrado, tem-se como objetivo proporcionar uma visão geral sobre o tema, descrever e registrar levantamentos exploratórios, articulando posteriormente às informações coletadas para produção dos resultados e discussão. É fundamental que o pesquisador adote uma postura reflexiva e crítica ao analisar os dados, reconhecendo suas próprias influências e preconceitos. Tais abordagem contribuirão para o entendimento das práticas docentes sob a perspectiva da interculturalidade, seus percursos em busca de uma educação inclusiva, acolhedora e efetiva.

Para Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica, além de abranger todas as referências já tornadas públicas em relação ao tema de estudo, também tem a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, mencionam sobre a fase da identificação, sendo uma fase que engloba o reconhecimento do assunto pertinente ao tema em estudo. Dessa forma este estudo está pautado, principalmente, nos postulados teóricos de Berger (2015), Candau (2008), Deus (2019), Flores (2022), Santiago; Akkari; Marques (2013), Oliveira (2019) e Walsh (2001).

Esta pesquisa fará também uma breve pesquisa documental, o levantamento e a análise documental serão desenvolvidos a partir dos documentos e leis escolares que norteiam o sistema de ensino municipal de Foz do Iguaçu no âmbito dos CMEIs, como, por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homologado em 2017/2018; Proposta Pedagógica Curricular (PPC), focalizando a diversidade cultural na perspectiva do desenvolvimento de práticas ancoradas no interculturalismo levando-se em conta o contexto de fronteira. Os documentos fornecem informações sobre o contexto em que a educação é desenvolvida, podendo revelar objetivos, diretrizes e prioridades educacionais, bem como evidenciar políticas e práticas relacionadas à inclusão cultural.

A Análise Documental, conforme Ludke e André (1986, p. 38), “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja completando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. A Análise Documental, no entendimento de Godoy (1995), além de ser um procedimento de pesquisa com características específicas, com finalidades de investigação muito próprias, pode ser também utilizada como uma técnica complementar, validando e aprofundando dados obtidos por meio de outros procedimentos.

Para a busca de trabalhos como fontes de pesquisa, foram empregados os descritores: práticas docentes; atitudes pedagógicas; ensino na fronteira; educação intercultural e acolhimento; no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Além disso, houve outras bases de dados utilizados como: Brasil Scientific Electronic Library Online (SciELO Brasil), Revista Científica de Educação. O critério que delineou o levantamento foi pensado no entorno de publicações de acadêmicos e professores atuantes na fronteira.

O trabalho está subdividido em cinco partes. Além dessa parte introdutória, o qual aborda as considerações iniciais a respeito do tema, ou seja, apresenta a proposta de trabalho, delimitando o tema e traz informações de como a pesquisa pode contribuir no âmbito acadêmico e social, também descreve os procedimentos metodológicos da pesquisa.

A segunda parte está constituída pela fundamentação teórica a qual está composta por 4 capítulos, são eles: capítulo 1.educação inclusiva: interculturalidade e percursos; capítulo 2.percursos interculturais na educação infantil; capítulo 3.formação continuada e permanente: caminhos possíveis; e por fim, capítulo 4.documentos educacionais e suas orientações em torno da interculturalidade.

Na terceira parte são apresentados e analisados os principais resultados obtidos, na quarta parte são efetuadas as considerações finais, incluindo conclusões e sugestões de estudos futuros, e finalmente, na quinta parte está descrita as referências bibliográficas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA: INTERCULTURALIDADE E PERCURSOS

A fim de se obter uma visão mais abrangente e interdisciplinar sobre a educação intercultural, é necessário realizar um levantamento bibliográfico, é importante consultar uma variedade de fontes, como livros, artigos acadêmicos e teses.

Tendo em vista que esta pesquisa se propõe a repensar formas de se construir práticas pedagógicas condizentes com uma perspectiva intercultural, especificamente na cidade de Foz do Iguaçu, localizada em região fronteiriça, realizar-se-á um levantamento bibliográfico no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Para tanto se faz necessário delimitar o campo de pesquisa em produções acadêmicas realizadas em região de fronteira, com o intuito de averiguar quais as pesquisas já desenvolvidas em torno das palavras-chave: “práticas, atitudes pedagógicas, ensino na fronteira, educação intercultural e acolhimento”.

À luz da temática da pesquisa, dentre as opções geradas pela coleta Capes, selecionou-se algumas produções relacionadas ao presente estudo e que foram compiladas no quadro 1. O critério que delineou o levantamento foi pensado no entorno de publicações de acadêmicos e professores atuantes na fronteira.

Quadro 1 - Levantamento bibliográfico em torno da temática da pesquisa.

AUTOR (A)	TÍTULO DA DISSERTAÇÃO, TESE, TCC OU ARTIGO	ANO	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
ISIS RIBEIRO BERGER	Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil - Paraguai: um olhar a partir do Observatório da Educação na Fronteira	2015	UFSC	Linguagem - Política governamental Fronteiras Brasil Linguagem e línguas Educadores Fronteiras Brasil
TATIANE	Ser aluno	2018	UNIOESTE	Tríplice fronteira

LIMA DE PAIVA	transfronteiriço em contexto de fronteira: representações de identidades			Escola Diferença Triple Frontera Escuela Diferencia Triple border School Difference
JOELMA FERNANDES DE OLIVEIRA	Docências em escola de fronteira: diferenças, invisibilidade e possibilidades de pedagogias interculturais	2019	UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS	Diferenças;Docências;Escolas de Fronteira;Relações culturais
MIRIAM REGINA GIONGO KUERTEN	Valorização do multilinguismo: um mapeamento e planejamento linguístico escolar em Foz do Iguaçu, PR	2019	UNIOESTE	Multilinguismo Mapeamento linguístico Fronteira Política linguística Foz do Iguaçu Multilingualism Language mapping Frontier Linguistic policy Foz do Iguaçu Multilingüismo Mapeo lingüístico Frontera Política lingüística Foz do Iguaçu
MIRIAM DE OLIVEIRA ALMEIDA DE DEUS	Formação inicial de professores (as) pedagogos no contexto multilíngue de Foz do Iguaçu	2019	UNIOESTE	Formação de professores Tríplice fronteira Multi/plurilinguismo Imigrantes Teacher training Triple border Multi/plurilingualism Immigrants
NAYARA DO NASCIMENTO	Formação para a educação intercultural indígena na rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu	2021	UNIOESTE	Políticas Educacionais; Educação Escolar; Interculturalidade; Povos Indígenas.
ELAINE	Representações	2021	UNIOESTE	Plurilinguismo

MANOEL JULIANI	sobre ser plurilíngue em escolas monolíngues de fronteira			Escola Fronteira Plurilingualism School Frontier Plurilingüismo Escuela Frontera
OLGA VIVIANE FLORES	Formação ampliada de professores para uma educação intercultural, do entorno e decolonizadora: desconstruindo representações essencialistas na tríplice fronteira	2022	UNIOSTE	Formação de Professores, Políticas Educacionais, Diversidade Linguística e Cultural, Representações, Tríplice Fronteira.
FRANCISCO FERNANDO DE OLIVEIRA	Acolhimento e integração de crianças refugiadas em escolas públicas da região de fronteira trinacional: um estudo de caso	2022	UNILA	Acolhimento de crianças refugiadas; crianças refugiadas e educação; acolhimento em línguas.

Fonte: Dados adaptados do banco de artigos, teses e dissertações da Capes, em 2023 pelo autor.

O levantamento no banco de teses e dissertações da Capes trouxe muitas pesquisas em relação à questão do ensino em regiões de fronteira, além de atitudes pensadas para esse ambiente escolar, no entanto ao se fazer o refinamento quanto a busca por práticas docentes sob a perspectiva intercultural e acolhimento, o número de dissertações e teses ficaram mais restritos.

A sequência do levantamento bibliográfico apresenta os textos que apontam a questão dos problemas encontrados tanto quanto ao acolhimento linguístico quanto cultural em contexto educacional de fronteira.

Assim, Berger (2015) em sua dissertação sobre a gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil - Paraguai discorre sobre as ações necessárias a serem tomadas a fim de propor a qualificação de políticas linguísticas-educacionais voltadas à promoção do multi/plurilinguismo na fronteira, com vistas à integração linguístico-cultural entre os países vizinhos, além

de subsidiar a reflexão/ação dos educadores acerca de seus papéis enquanto gestores de línguas, do multi/plurilinguismo na fronteira.

Paiva (2018), busca analisar qual a influência que o ambiente sociolinguístico tem nas reconstruções das identidades dos sujeitos envolvidos no contexto transfronteiriço. A questão intercultural, o ambiente sociolinguístico contribui para construir identidades e representações complexas e híbridas, isso claro resultado do movimento transfronteiriço que nada tem de homogeneizante. Dessa forma, a escola e comunidade mesmo com dificuldades buscam por si caminhos para driblar os obstáculos e problemas sociais presentes no contexto.

Oliveira (2019), apresenta em sua tese uma análise sobre docências em Escolas de Fronteira, no estado de Roraima. A autora busca verificar como as práticas pedagógicas e as relações culturais se estabelecem nesse contexto diverso de fronteira. Se por um lado há docentes preocupados e comprometidos em levar em consideração as diferenças culturais existentes, há também docentes que não percebem o outro, e acaba por invisibilizar o aluno.

Kuerten (2019), com o objetivo de refletir sobre o que é ser multilingue e promover reflexões para a valorização das línguas busca identificar o repertório linguístico de uma instituição de ensino, percebe-se que a heterogeneidade linguística poderia ser melhor percebida e valorizada, conseqüentemente a diversidade cultural também seria, dessa forma, o processo ensino-aprendizagem se construiria a partir da complexidade cultural existente sendo muito mais enriquecida.

Deus (2019), aborda a questão da formação inicial do professor em contexto de fronteira, vale destacar que o acesso a uma formação de qualidade é indispensável para que o professor se aproprie de conhecimentos teóricos e práticos, necessários para orientar adequadamente o processo de ensino e aprendizagem, tanto dos imigrantes quanto dos brasileiros. Por muitas vezes cursos de licenciaturas não contemplam um currículo específico para região de fronteira, por isso a formação continuada pode e deve ser um caminho a ser seguido na busca por construir conhecimentos teóricos e práticos a fim de subsidiar a prática docente.

Nascimento (2021), se preocupa em pesquisar a necessidade de formação continuada para a educação intercultural indígena na escola. São necessárias políticas públicas voltadas à formação docente que abranja a compreensão da educação intercultural indígena bem como a pluralidade linguística. A interculturalidade é aqui entendida como as relações que advém da articulação entre

alteridade, identidade e diferença em um contexto sociocultural que pressupõe o multiculturalismo.

Juliani (2021), produz estudos e reflexões sobre os temas plurilinguismo, hibridismo, identidade, cultura, dentre outros. Nos discursos de fronteira é possível encontrar a busca pela homogeneidade, representados por estereótipos e perpetuados através de narrativas que procuram determinar as identidades. Com a percepção da predominância do pensamento monolíngue nas salas de aula fronteiriças, as discussões que tratam das representações sobre ser plurilíngue nesse contexto, tornam-se relevantes.

Flores (2022), trata das políticas educacionais e políticas linguísticas os quais devem dar a sustentação às práticas educacionais locais e como os professores percebem e constroem sobre a pluralidade linguística e cultural na fronteira. Muitas vezes os professores reconhecem a existência das diferenças culturais no espaço escolar e percebem a manifestação de estereótipos essencialistas construídos pelo senso comum em relação às diversas nacionalidades que convivem no território da Tríplice Fronteira, porém, esses professores carecem de formações em uma perspectiva intercultural que atendam às especificidades do entorno, porém, as políticas educacionais não dão essa sustentação.

Oliveira (2022), busca refletir sobre ações de acolhimento, e a ausência delas, a crianças refugiadas. Assim como não há políticas de formação para os professores, também não há políticas de acolhimento a crianças refugiadas e migrantes de crise que dá enfoque à educação intercultural.

Considerando a falta de preparo na formação inicial desses professores, a formação continuada e permanente pode e deve ser um caminho a ser seguido, isso claro, com parcerias fundamentais para o engajamento necessário. A educação sob a perspectiva da interculturalidade é para todos, uma vez que na sociedade nós nos encontramos e nos relacionamos, por isso formar professores plurais e sensíveis é enfatizar a importância da alteridade na constituição dos sujeitos.

O conceito de alteridade aqui utilizado é o que articula a diferença, a identidade e o outro em uma perspectiva relacional. Alteridade, diferença e identidade são conceitos fluidos que pressupõem flexibilidade, variabilidade nas relações sociais. Portanto, a alteridade pode ser vista como fonte de problemas, como possível diálogo, mesmo que conflituoso, e como noção que remete à ideia do tolerável na trajetória da dinâmica das identidades em relação.

Desde os primórdios da humanidade, as fronteiras têm desempenhado um papel significativo na formação dos saberes socioculturais, essas fronteiras podem assumir diversas formas, como fronteiras geográficas entre nações, fronteiras simbólicas que delimitam identidades culturais e até mesmo fronteiras conceituais que separam diferentes áreas de conhecimento.

A prática docente desafia constantemente os educadores a enfrentarem a diversidade cultural presente em sala de aula, especialmente em regiões de fronteira, onde diferentes saberes socioculturais convergem e se entrelaçam, por isso, destaca-se a importância do encontro entre diferentes culturas e as estratégias pedagógicas necessárias para uma educação interculturalmente sensível.

Para isso, é de suma importância a formação do educador em uma perspectiva intercultural, para que esse seja o condutor de um trabalho pedagógico que promova o reconhecimento das diferenças existentes no ambiente escolar, identificando-as como possibilidade de enriquecimento de suas práticas e não de exclusão e/ou invisibilização desses alunos que são sujeitos de direitos.

A educação intercultural ocorre durante as interações humanas, dessa forma, temos a possibilidade de promover a transformação social por movimento de emancipação, sem jamais perder de vista a perspectiva sócio histórica, pois a interação permanente com o outro contribui para a formação da consciência do homem. Nesse contexto torna-se importante definir o termo interculturalidade, para isso, buscou-se a contribuição de Walsh (2001)), que traz a seguinte definição:

[...] um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade. Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. Uma tarefa social e política que interpela o conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade. (WALSH, 2001, p. 10-11, tradução nossa).

Vivemos em uma sociedade com complexa pluralidade linguística, cultural e social, conseqüentemente nossas salas de aulas também são habitadas dessas diferenças pois a escola é um microcosmo da sociedade, porém, existe uma tentativa de apagamento e invisibilização das diferenças no Brasil. Nesse contexto

complexo, a perspectiva intercultural surge como uma abordagem fundamental para promover o diálogo, a compreensão mútua e a valorização das diversas identidades culturais presentes.

Para cada indivíduo nós somos alguém, existe alteridade no tempo e no espaço, somos constituídos por múltiplas identidades, portanto identidade é sempre relacional. Conforme Haesbaert e Bárbara (2009, p. 03) “As identidades, pelo viés antropológico, são construídas historicamente pelos sujeitos na relação e interação espaço-temporal com a alteridade, com o Outro”. A identidade não é algo fixo ou inato, mas sim uma construção social e histórica.

Conforme Cavalcanti e Maher (2009, p. 17) “Nossa “identidade” não é uma “coisa” – ela é uma construção feita a partir das nossas relações de alteridade, isto é, das relações sociais que estabelecemos com os outros. Todo ser humano é um ser cultural e a partir disso é necessário trabalharmos para uma educação que contribua para promover uma postura positiva da pluralidade sociocultural do país, que vai além de meras celebrações das diferenças

As interações sociais, culturais, políticas e econômicas moldam a forma como os indivíduos se percebem e se relacionam, o espaço e o tempo desempenham um papel crucial nesse processo de construção identitária. As fronteiras são espaços de encontro e interação entre diferentes culturas, o que resulta em uma riqueza de saberes socioculturais. Em contextos de fronteira, podemos observar tanto singularidades quanto similaridades entre os grupos que compartilham esses territórios limítrofes.

As singularidades referem-se às características únicas de cada cultura que se manifestam nesses contextos. Elas podem incluir tradições, idiomas, crenças religiosas, práticas culinárias e artísticas específicas de determinada região. Essas singularidades muitas vezes são preservadas e reforçadas nas comunidades fronteiriças, sendo um ponto de orgulho e identidade para as pessoas que as cultivam.

Por outro lado, as similaridades também surgem nos contextos de fronteira. Devido à proximidade geográfica e histórica, é comum que grupos em ambos os lados da fronteira compartilhem certos aspectos culturais, como elementos da língua, tradições folclóricas e práticas cotidianas. Essas similaridades podem ser resultado de trocas culturais ao longo do tempo, migração de pessoas entre as regiões ou até mesmo de políticas de integração fronteiriça.

É importante ressaltar que a interação entre diferentes culturas em contextos de fronteira pode levar a uma mistura de saberes socioculturais, criando uma dinâmica única e enriquecedora. A troca de experiências e conhecimentos entre os grupos pode gerar sinergias e promover a compreensão mútua, fortalecendo os laços sociais e culturais nessas regiões fronteiriças. Não podemos deixar toda essa riqueza cultural fora do chão da escola.

De acordo com Bartolomeu (2006, p. 03):

La frontera es un ámbito que separa pero que a la vez reúne, puesto que no habría fronteras sin nadie del otro lado, por lo que la frontera no sólo distingue a los otros, sino que también ofrece una definición posible del “nosotros” que se contrasta con los de afuera de los límites. Sin los otros, sin aquellos que habitan más allá de nuestras fronteras espaciales, sociales, culturales, políticas, étnicas, económicas o estatales no podríamos constituirnos como colectividad diferenciada, como un nosotros posible sólo gracias a la existencia de nuestros fronterizos otros. Toda identificación étnica o territorial se realiza y se construye a sí misma en base a la confrontación con otras identificaciones. Pero lo que las identifica es que al diferenciarnos la frontera nos ofrece la posibilidad de una singularidad en la que afirmarnos, un recurso ontológico para el ser de cada colectividad humana que se percibe como distinta.

O confronto com outras identificações pode desempenhar um papel significativo na construção da identidade étnica ou territorial, mas não é único fator envolvido. A identidade é um processo complexo e multifacetado, influenciado por uma interação complexa de fatores individuais e contextuais. São algumas reflexões que nos possibilitam pensar sobre as crianças e as relações estabelecidas com seus pares, com os adultos, consigo mesma e sua história.

2.2 PERCURSOS INTERCULTURAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao se pensar a educação infantil no contexto de fronteira é inevitável refletir sobre acolhimento e afetividade, visto que a infância é uma fase crítica no desenvolvimento humano. Durante esse período, as experiências afetivas e emocionais desempenham um papel crucial na formação da personalidade e nas bases para futuras aprendizagens.

As experiências vividas na infância têm um impacto profundo na formação do indivíduo. Um ambiente acolhedor e afetivo pode moldar a forma como a criança percebe o mundo e se relaciona com os outros ao longo de toda a vida. O acolhimento e a afetividade proporcionam um ambiente seguro e confortável para

as crianças e isso é fundamental para que elas se sintam à vontade para explorar, aprender e se desenvolver de maneira saudável. Ao se sentir acolhida e amada, a criança aprende a valorizar a si mesma e aos outros.

Ao acolher a criança e tudo que sua cultura representa, é possível contribuir para a formação de cidadãos mais inclusivos e respeitosos, indo mais além que o respeito às diferenças, essa criança pode vir a se tornar um adulto que valorize as diferenças.

Dessa forma, pensar sobre acolhimento e afetividade na educação infantil é essencial para proporcionar às crianças um ambiente propício ao seu pleno desenvolvimento, construindo as bases para uma vida adulta saudável, equilibrada e consciente das relações interpessoais.

Para a promoção da interculturalidade na educação infantil, deve-se pensar em criar um espaço físico e emocional onde as crianças se sintam seguras para serem elas mesmas, por isso, a importância de se estabelecer canais de comunicação que permitam às crianças expressarem seus sentimentos, preocupações e experiências de forma livre e respeitosa.

Ao promover o acolhimento afetivo intercultural, os educadores ajudam a construir um ambiente educacional que incentiva a aprendizagem, a troca de experiências e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais importantes para a formação integral das crianças. Além disso, contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos da diversidade cultural.

Para a educação infantil o enfoque deve ser na literatura de todos os povos, de todas as línguas, é preciso abrir para as crianças os contextos interculturais e multilinguísticos. Ao introduzir livros e histórias que refletem a diversidade cultural e linguística do mundo, proporcionamos às crianças a oportunidade de explorar e compreender diferentes perspectivas, tradições e idiomas desde cedo.

A literatura infantil é uma poderosa ferramenta para promover a consciência intercultural e a valorização da diversidade. Ao apresentar histórias e personagens de diferentes origens étnicas e culturais, as crianças têm a chance de se identificar com protagonistas que podem ser diferentes delas em termos de aparência, língua ou costumes, isso estimula a empatia, o respeito mútuo e a compreensão de que existem muitas formas legítimas de ser e viver.

Além disso, a literatura multilíngue pode ajudar a promover o desenvolvimento da linguagem e da alfabetização das crianças. Ao expô-las a

diferentes idiomas por meio de histórias e poesias, estamos ampliando seu repertório linguístico e estimulando o interesse por outras línguas e culturas, isso pode contribuir para uma mentalidade aberta e receptiva em relação à aprendizagem de línguas estrangeiras no futuro.

Para implementar essa abordagem, é importante disponibilizar uma variedade de livros e materiais que representem a diversidade cultural e linguística. Os educadores podem criar espaços de leitura acolhedores, com bibliotecas bem abastecidas, e selecionar obras que apresentem diferentes povos, tradições e línguas. Também é válido convidar membros da comunidade que falam diferentes idiomas para compartilharem suas histórias e experiências com as crianças.

Como aponta Candau (2008, p. 53), um dos aspectos fundamentais para a construção de uma educação voltada para transformação social é “questionar o caráter monocultural e o etnocentrismo que, explícita ou implicitamente, estão presentes na escola e nas políticas educativas e impregnam os currículos escolares”. É preciso que o professor desenvolva a habilidade de refletir sobre o agir e o pensar de todos os elementos da ação educativa, respeitando as concepções e histórias de vida de seus alunos, para que estes se sintam integrados a um grupo social, onde sua opinião e experiências são fundamentais para a construção dos conceitos que norteiam a aprendizagem num processo coletivo e individual.

Conforme Valenzuela (2014, p. 20):

En la frontera se conforman múltiples campos de intersección cultural referidos al conjunto de elementos culturales compartidos por grupos que poseen matrices culturales diferentes. El concepto de intersección cultural implica procesos socioculturales que contienen elementos comunes y posee dos formas de expresión: la intersección vertical que corresponde a la estructuración de procesos jerárquicos e implica formas de relación institucionalizadas e institucionalizantes, conjuntivas y disyuntivas

Baseada na diferença, a interculturalidade é fruto das interações entre indivíduos e grupos com repertórios culturais distintos, essas se dão de modo simétrico ou não e envolvem relações de poder e elementos de afirmação e de câmbios identitários. Assim, a interculturalidade exige novas formas comunicacionais, em que as diferenças são negociadas no processo de reconhecimento da alteridade e da diversidade cultural.

Utilizou-se a perspectiva intercultural apontada por Candau (2008), que tem as seguintes características: 1) promoção intencional de inter-relação de indivíduos ou grupos culturais distintos; 2) ruptura com essencializações e culturas e identidades culturais, entendendo-as em processo de construção e reconstrução constante; 3) vivências em sociedades em que as hibridizações são processos intensos, relacionadas às construções incessantes das identidades, descartando, portanto, a ideia de que culturas são puras; 4) a interculturalidade não descarta ou não se desvincula de conflitos nos contextos socioculturais em que ela se dá. Portanto, a ideia de resistência está presente também na perspectiva intercultural aqui adotada.

A interculturalidade é um conceito que, assim como o de alteridade, implica dinâmica, fluidez, processo, sendo assim, seria instrumento para o trabalho com as identidades minoritárias, no sentido de seu empoderamento, do reconhecimento de suas subjetividades, e, ao mesmo tempo, uma percepção da identidade nacional enriquecida pela diversidade.

Essas orientações são fundamentais para criar ambientes educacionais inclusivos e promover a interculturalidade, garantindo que todos os alunos tenham a oportunidade de aprender, crescer e se desenvolver em um ambiente respeitoso e enriquecedor.

2.3 FORMAÇÃO CONTINUADA E PERMANENTE: CAMINHOS POSSÍVEIS

A constitutividade do profissional da educação deve priorizar em sua formação uma postura ética, tendo consciência de sua função formadora enquanto prática especificamente humana. Evitando cair no pragmatismo, como repetidores de fazeres não refletido do sistema curricular, sem a mínima responsabilidade, é preciso reverter esse mecanicismo, para encorajar as rupturas de paradigmas que fragmentam a educação escolar brasileira.

Quem sou eu e onde estão os meus pés, e como exercer a docência nessa singularidade? Bom, a fundamentação teórica é a ferramenta principal do trabalho docente para uma educação de qualidade, visa a formação de cidadãos leitores, críticos e reflexivos, atuantes em sociedade, sendo sujeito da sua própria história.

Mesmo vivendo em uma sociedade de fronteira, a ideologia do monolinguismo ainda influencia as atitudes linguísticas na sociedade, isso fica evidente ao analisar as ementas das graduações de licenciaturas da cidade, faz-se necessário pensar em políticas públicas específicas para formação de professores, pois os acadêmicos de licenciatura não estão sendo preparados para a diversidade intercultural/linguística que encontrarão em sala de aula. Nesse contexto, quem sabe abrir-se-á um espaço para pensar sobre as licenciaturas atuais da cidade.

A formação continuada deve ser um caminho para dirimir essa lacuna ainda existente nas graduações de licenciaturas, pois pode oferecer aos educadores a oportunidade de adquirir conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para uma educação intercultural de qualidade. Isso inclui o desenvolvimento de competências como a sensibilidade cultural, a capacidade de comunicação intercultural, a consciência dos próprios preconceitos e estereótipos, a adaptação de práticas pedagógicas inclusivas e a promoção do respeito à diversidade.

De acordo com FLORES (2022, p. 54), é importante que nas formações de professores:

Se contemplem nos currículos e programas de ensino a questão das diferenças linguísticas e culturais, evidenciando o respeito e a valorização das diversas línguas e culturas sem hierarquizá-las, mas fundamentalmente com criticidade, o que corroborará na construção de sujeitos comprometidos com questões que a contemporaneidade apresenta, tanto as relacionadas ao contexto em que habitam, como nas relações com os “outros”, nas diversas esferas sociais.

A formação permanente é igualmente importante, pois a educação intercultural é um processo contínuo de aprendizagem e reflexão. Os educadores devem se manter atualizados sobre as questões e os debates relacionados à diversidade cultural e ao diálogo intercultural. Isso pode envolver participação em cursos, workshops, conferências, grupos de estudo ou outras formas de aprendizado ao longo da vida.

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico necessário à reflexão crítica tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça essa operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade (FREIRE, 1996, p. 22)

Além disso, a formação continuada e permanente também pode envolver a troca de experiências e práticas entre os próprios educadores. A colaboração e o compartilhamento de conhecimentos entre profissionais da educação podem fortalecer a implementação de abordagens interculturais nas escolas e enriquecer a formação de todos os envolvidos.

É importante que as instituições educacionais e os sistemas de ensino apoiem e incentivem a formação continuada e permanente dos educadores, fornecendo recursos, tempo dedicado à aprendizagem e oportunidades de desenvolvimento profissional.

Para elaborar propostas pedagógicas específicas para a formação continuada em um contexto fronteiriço, é importante adotar uma abordagem sensível às particularidades culturais, econômicas e sociais da região, sem recorrer à folclorização. Por isso, primeiramente deve-se fazer uma análise detalhada das características da região fronteiriça, considerando aspectos como a composição demográfica, atividades econômicas predominantes, desafios e oportunidades educacionais.

Além disso, envolver a comunidade local na definição das necessidades de formação continuada, realizar reuniões, entrevistas ou questionários para obter informações valiosas diretamente dos envolvidos, são estratégias interessantes, dessa forma, estaremos reconhecendo e valorizando as diferentes culturas presentes na região, evitando a simplificação ou estereotipagem.

Promover a relação e o respeito entre grupos socioculturais por meio de processos democráticos e dialógicos é fundamental para construir uma sociedade mais inclusiva e justa, tal promoção deve abarcar docentes, discentes, além dos pais.

Por isso algumas estratégias podem ser interessantes como:

- Desenvolver programas educacionais que promovam a valorização da diversidade étnica, cultural, religiosa, de gênero, entre outras. Isso pode incluir aulas, workshops e atividades que explorem e respeitem as diferentes identidades e perspectivas;
- Em oficinas pedagógicas com os professores, pode-se utilizar estudos de casos, histórias e narrativas que representem diferentes grupos socioculturais, proporcionando uma compreensão mais ampla das realidades e experiências de cada um, tais formações devem promover a autonomia dos

educadores e profissionais envolvidos, incentivando a busca por soluções criativas e adaptadas ao contexto;

- Proporcionar oportunidades para que os alunos trabalhem em projetos interdisciplinares que explorem temas relacionados à diversidade cultural e à convivência entre diferentes grupos.
- Incluir pais, responsáveis e membros da comunidade no processo educacional, promovendo parcerias e colaborações que reforcem os valores de respeito e inclusão.

A prática social é que subsidia o enfoque e o conteúdo significativo e necessário para a formação dos sujeitos históricos, por isso é preciso intensificar as discussões e ações da escola. Questionar se o convívio sociocultural com os meus alunos está sendo desenvolvido para que eles se tornem sujeitos pensantes e transformadores de sua própria realidade.

Freire, (1996) afirma muitas vezes a questão da ética e da transgressão, no sentido de que muitas vezes o professor não reflete a sua prática pedagógica, exercendo um papel apenas no cenário educacional, sem a consciência de sua função profissional, e de sua intervenção no mundo. A sociedade precisa enxergar isso, os próprios profissionais devem compreender que a responsabilidade ética é muito grande, pois estão formando seres humanos, seres históricos capazes de transformar, reformar e se transformar.

2.4 DOCUMENTOS EDUCACIONAIS E SUAS ORIENTAÇÕES EM TORNO DA INTERCULTURALIDADE

Quando se fala em educação é fundamental perceber como os documentos e leis educacionais norteiam o ensino em torno da diversidade cultural. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96), também conhecida como LDB, estabelece as bases e normativas para o sistema educacional brasileiro. No que diz respeito à educação intercultural, a LDB trata da diversidade cultural como um dos princípios fundamentais da educação brasileira. Ela reconhece a importância de promover a valorização das diferentes manifestações culturais presentes no país.

O artigo 26 da LDB, em seu parágrafo 4º, determina que o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena seja incluído no currículo oficial da rede de ensino, tanto nas instituições públicas quanto privadas, de forma transversal, em todos os níveis de ensino. Essa inclusão tem o objetivo de promover o respeito e valorização da diversidade cultural presente no Brasil, reconhecendo as contribuições fundamentais das culturas afro-brasileira e indígena para a formação da identidade nacional.

Além disso, a LDB também destaca a importância da formação de professores para lidar com a diversidade cultural e assegura que a formação continuada seja parte integrante da carreira do educador, para que este possa atender adequadamente às necessidades dos alunos em um contexto intercultural.

A Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB) em seu artigo 3º inciso XIV faz menção à educação intercultural relacionada às pessoas surdas e aos indígenas, princípio este incluído em 2021, pode-se considerar um avanço visto o processo histórico de nosso país quanto ao apagamento cultural.

No que tange à organização curricular, a LDB nº 9.394/96 teve seus artigos complementados por outras legislações, as quais indicam ou acrescentam conteúdos que devem ser abordados de forma transversal. Dessa forma, serão nos Projetos Políticos Pedagógicos, mais especificamente no campo das Propostas Pedagógicas Curriculares, que a Educação Infantil evidenciará o cumprimento das exigências legais quanto à inserção de temáticas que dizem respeito a assuntos de interesse nacional, estadual, regional e/ou local.

Vale ressaltar que, além da LDB, outras políticas e legislações complementares podem tratar mais especificamente da educação intercultural no contexto brasileiro. Por exemplo, o Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/14) e resoluções do Conselho Nacional de Educação podem fornecer diretrizes adicionais nesse sentido.

O Plano Nacional de Educação (PNE) é uma lei federal que estabelece diretrizes e metas para o desenvolvimento da educação no Brasil. O atual PNE, instituído pela Lei nº 13.005/2014, aborda a educação intercultural em alguns de seus dispositivos:

- Meta 10: Esta meta propõe a ampliação do acesso à educação superior, principalmente para grupos historicamente excluídos. O texto do PNE reconhece a necessidade de inclusão de estudantes indígenas e quilombolas,

bem como a adoção de políticas de ações afirmativas e cotas para esses grupos. Dentro desta meta, as estratégias 10.9 e 10.10 visam promover a formação inicial e continuada de professores, respectivamente. Elas abordam a necessidade de incluir conteúdos e práticas relacionados à diversidade cultural, com ênfase na cultura afro-brasileira, africana e indígena.

O PNE também aborda a necessidade de implementação de políticas de ações afirmativas, incluindo cotas para negros e indígenas em instituições de ensino superior, visando combater o racismo e promover a igualdade de oportunidades. Destaca a importância de incluir nos currículos escolares temas relacionados à diversidade cultural, ao respeito às diferenças e à valorização das culturas afro-brasileira, indígena e outras.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) homologado em 2017/2018 é um documento que estabelece as aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica no Brasil. Ela oferece diretrizes gerais sobre como a educação intercultural pode ser abordada em diferentes etapas, incluindo a Educação Infantil.

Na Educação Infantil, a BNCC ressalta a importância de proporcionar experiências que promovam a construção da identidade, o respeito à diversidade e o convívio com diferentes culturas, em sua seção “educação infantil no contexto da educação básica”, faz menção a diversidades de culturas [...] “a instituição precisa conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a riqueza/diversidade cultural das famílias e da comunidade” (BNCC, 2018, p. 37).

Além disso, mas especificamente nos campos de saberes e conhecimentos, ou seja, sobre os conteúdos que devem ser trabalhados, A BNCC destaca a importância de valorizar as diferentes formas de expressão, culturas e modos de vida presentes na sociedade. Isso inclui a valorização das tradições, costumes e línguas das diferentes comunidades. Enfatiza a necessidade de respeitar e valorizar a identidade cultural das crianças, proporcionando um ambiente acolhedor e respeitoso para que elas possam expressar sua individualidade e pertencimento a diferentes grupos culturais. Também sugere o uso de materiais, brinquedos, jogos e atividades que representem diferentes culturas, proporcionando às crianças a oportunidade de conhecer e explorar elementos culturais diversos.

A BNCC recomenda a leitura de histórias, contos e narrativas que abordem temas relacionados à diversidade cultural, permitindo que as crianças conheçam

diferentes realidades e perspectivas. Destaca a importância de proporcionar às crianças experiências que envolvam expressões artísticas e culturais, como danças, músicas, artes visuais, valorizando as diferentes formas de manifestação cultural.

Tais diretrizes que a BNCC apresenta sobre a educação intercultural na Educação Infantil visam proporcionar uma educação sensível à diversidade cultural desde os primeiros anos de vida, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes e respeitosos da pluralidade cultural brasileira. O supracitado documento deve servir como instrumento balizador para os currículos regionais, porém, percebe-se certa dificuldade nos documentos regionais analisados em incluir tais propostas de forma mais tangível e exequível, apesar de compreender que a BNCC é uma base geral, percebe uma carência de algo mais concreto por parte do documento.

Foz do Iguaçu tem como base um currículo regional, elaborado pela Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP). Ao analisar esse documento, pôde-se observar que o documento traz a contextualização histórica da região como a colonização e imigração. O documento traz a diversidade cultural, étnica, linguística e epistêmica na perspectiva do desenvolvimento de práticas ancoradas no interculturalismo e no respeito ao caráter pluriétnico e plurilíngue da sociedade brasileira. Porém, apenas com ênfase nas culturas afro-brasileira e indígena.

Além do currículo regional elaborado pela AMOP, cada município, usando de sua autonomia, deve aprovar sua própria Proposta Pedagógica Curricular devendo complementá-la com a parte diversificada própria da região. Dessa forma, a educação infantil de Foz do Iguaçu elaborou a Proposta Pedagógica Curricular (PPC). No entanto o referido documento não faz menção ao contexto de fronteira, tampouco traz possibilidades e práticas pedagógicas relacionadas à educação intercultural.

Diante da breve contextualização referente aos documentos norteadores da educação, fica evidente a necessidade de pensar os currículos do macro para o micro, pensar em um currículo para a fronteira, pois não há como incluir uma pedagogia intercultural sem a base que o fundamenta, ou seja, os documentos educacionais norteadores.

2.5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Aqui será abordado os principais resultados e discussões provenientes da pesquisa bibliográfica sobre interculturalidade nas práticas docentes na Educação Infantil em Foz do Iguaçu, um contexto de fronteira. Serão destacadas as perspectivas teóricas e as conclusões relevantes para o tema.

De acordo com (BERGER, 2015, p. 45) “as fronteiras não são tidas de modo estático. Elas se (re) definem nas movimentações dos grupos humanos, nos acordos políticos, nas ações cotidianas, no exercício de separação entre o um e o outro”. Nessa mesma linha de pensamento Paiva (2018, p. 29) ressalta que a fronteira “para além de seu um lugar de convergência de pessoas, línguas e culturas e, por conseguinte, de manifestação de múltiplas e complexas identidades, também seja lugar gerador de conflitos e transgressões”. É possível depreender que territórios não são estáticos, por isso, na cidade de Foz do Iguaçu além das barreiras físicas como os rios, pontes e marcos, há também barreiras invisíveis como costumes, identidades étnicas e culturais, porém, e ainda bem que apesar da existência dessas barreiras, existe também a interação e interconexão de diferentes elementos culturais, políticos, sociais e econômicos, há a adoção de práticas e costumes de ambos os lados da fronteira, como a fusão de idiomas ou a formação de identidades transculturais.

Diante disso, “A fronteira social constituída suscita novas discussões sobre a identidade da população que vive na fronteira, as línguas que estão em contato, bem como, as relações delineadas pelos sujeitos que vivem nesse espaço social. (DEUS, 2019, p. 36). Ainda sobre características no que diz respeito a natureza fronteiriça e à diversidade cultural presente, Flores (2022, p.35) declara:

Na contemporaneidade, percebemos a fronteira não somente como demarcações territoriais entre os Estados, mas estabelecida na diáspora, apresentando dinamismo e multiplicidade, sendo construída nas inter-relações dos sujeitos, onde se aprendem novas línguas, insurgem novas identidades e onde um influencia o outro em meio a tensões e conflitos.

A diversidade existente na cidade de Foz do Iguaçu/PR se traduz nas vestimentas, comidas, religiões, costumes, festas, etc., portanto é muito importante refletir sobre o multiculturalismo presente nas escolas, professores capazes de despertar nos alunos, discussões sobre diversidade, diferenças, racismo e preconceito, a fim de proporcionar de forma crítica a interação e o respeito entre as culturas. Concordo com Deus (2019, p. 42) que “as diversidades culturais não

podem ser classificadas como melhores ou piores; apenas como possuidoras de características distintas que se incidem sobre os valores, crenças e comportamentos”. Quando tentamos classificar essa diversidade existente como melhor ou pior, estamos nos baseando no etnocentrismo ao qual deve ser eliminado. Nascimento (2021, p. 27) declara que “a educação intercultural é uma proposta pedagógica que busca desenvolver relações de cooperação, respeito e aceitação entre diferentes culturas e sujeitos, dentro de um mesmo espaço”. Embora a aceitação deva estar presente no contexto de educação intercultural, deve-se também existir o tensionamento de pensamentos e culturas, e desse tensionamento e/ou conflito pode e deve surgir além do respeito a desconstrução das hierarquizações das culturas. Conforme afirma Candau (2008, p. 52), “conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas”. Acerca disso, Candau (2008) afirma que a educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais.

O discurso pedagógico da homogeneidade e do tratamento igual para todas as crianças não reconhece a diversidade, mesmo estando presente no cotidiano. Não se pode ignorar que as diferenças linguísticas, culturais, étnicas, de classe social, de gênero, de credo religioso, de orientação sexual, de faixa etária, entre outras, habitam as salas de aula da fronteira, sendo ignoradas e permeadas por relações de poder, salvo raras exceções (FLORES, 2022, p. 38).

A formação docente deve ser crítica e embasada teoricamente, ancorada na relação entre teoria e prática, considerando sempre a realidade fronteiriça. De acordo com Kuerten (2019, p.53) “as práticas educacionais, a eficácia do aprendizado e a comunicação são otimizadas quando se considera o multilinguismo na sala de aula”. Kuerten (2019, p. 58) declara algo importante “ainda que os professores não falem as línguas que são parte do repertório de seus alunos, é possível desenvolver um trabalho de conscientização, valorização e promoção das línguas nesse escopo”. É preciso, no entanto, observar de forma analítica para se ter um diagnóstico específico do público alvo, sendo assim possível a construção de bons planejamentos preconizando a superação de estereótipos e preconceitos.

Para que a formação continuada seja organizada de forma a contribuir para o desenvolvimento intercultural em sala de aula é necessário identificar quais são os sujeitos que estão dentro do ambiente do escolar, necessitando acolher as histórias de vida, as crenças, os valores e experiências discentes.

Outro ponto a ser destacado, além das práticas educativas e formação de professores, parte da reestruturação do currículo, visto que as práticas educativas estão estritamente ligadas com a necessidade da escola. Nascimento (2021, p.58) destaca “o currículo nas escolas impulsiona as práticas pedagógicas, indo além da transmissão de um conjunto de conteúdo, valores e habilidades a serem ensinados. Constitui-se um campo de relações”. Essa reestruturação deve passar pela decolonização dos currículos, um currículo decolonizador busca desafiar e desmantelar os padrões eurocêntricos e colonialistas que historicamente influenciaram a educação. Em vez disso, ele procura incluir e celebrar a diversidade cultural, promovendo o entendimento e o respeito mútuo entre diferentes grupos étnicos e culturais.

A perspectiva de uma educação intercultural se alinha com a ideia de um currículo decolonizador, visto que o currículo deve ser projetado de maneira a reconhecer e valorizar as diversas culturas, perspectivas e experiências dos alunos, evitando assim a imposição de uma única visão cultural dominante. Isso implica em repensar e reformular o conteúdo, métodos de ensino e avaliação de forma a incorporar uma variedade de vozes, culturas e experiências.

Alguns passos para decolonizar os currículos educacionais podem incluir: a avaliação crítica dos materiais didáticos atuais para identificar elementos coloniais, estereótipos ou perspectivas eurocêntricas. Integrar contribuições e experiências de diferentes culturas, grupos étnicos, indígenas e marginalizados em todos os aspectos do currículo. Estimular discussões sobre colonialismo, racismo, opressão e seus impactos na sociedade, para promover uma compreensão mais profunda e uma atitude crítica. Incorporar obras de autores de diferentes origens culturais e étnicas, bem como literatura que explore as complexidades das experiências coloniais. Proporcionar aos educadores a formação e os recursos necessários para implementar um currículo decolonizado de maneira eficaz.

A decolonização dos currículos é fundamental para promover uma educação inclusiva, que respeite e celebre a diversidade de perspectivas e experiências humanas. Ela contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Já está sedimentado a ideia de que a elaboração do currículo deve considerar a realidade social, porém, ao analisar os documentos educacionais da cidade de Foz do Iguaçu/PR foi possível perceber que não há políticas públicas de formação continuadas para docentes, relacionadas às questões de interculturalidade.

A qualificação da formação docente também pode ser ampliada, para incluir debates e reflexões sobre a pluralidade linguística nas grades e currículos dos cursos de licenciatura, especialmente naqueles ofertados em cidades de fronteira, também é importante que sejam oferecidas formações continuadas relevantes e contextualizadas de acordo com a região em que os professores estejam trabalhando.

Durante o levantamento das pesquisas publicadas nos bancos de dados, percebeu-se que há uma crescente demanda de pesquisas e publicações na área da educação sob a perspectiva intercultural. Em contrapartida percebeu-se a existência de uma “lacuna de pesquisas” sobre a formação continuada de professores para atuação específica na educação infantil pelo viés intercultural. Apesar do aumento das pesquisas sobre contextos de fronteira no Brasil, este ainda é um amplo campo de estudo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pedagogia terá sempre um valor político, pois estará trabalhando com discussões a respeito dos fins e valores da educação. É na educação infantil o ambiente mais oportuno para que as crianças sejam ouvidas, dar voz às nossas crianças é deixar que elas falem sem interrupções e sem perguntas vazias que nada contribuem para a interação viva e integral.

Como professora da educação infantil compreendo que é nessa fase que ocorre a socialização primária, propiciando a interação com o meio e com outros indivíduos, há a aprendizagem e apreensão de valores e condutas, noções de agir e reagir em diversas circunstâncias de acordo a cultura ao qual se está inserido. Por isso, a escola precisa ser um lugar de acolhimento e interação entre-culturas e entre línguas.

Desde a educação infantil devemos trabalhar essa língua viva e singular, percebendo o que as crianças pensam e sentem sobre o mundo que as rodeia e como se veem nesse mundo. Rejeitando a visão etnocêntrica que divide a fala em “certo” e “errado” e concebe a língua como uma instituição fixa, pronta e acabada. Para além desse normativismos, o foco deve estar nas interações e nos discursos responsivos entre os pares. As línguas possuem histórias, são dinâmicas e passíveis de mudanças, abordá-las nessa perspectiva pode conduzir a projetos educacionais riquíssimos.

Promover a interculturalidade na educação infantil é uma forma essencial de incentivar o respeito e a valorização da diversidade cultural. Para isso, caminhos possíveis a serem seguidos são o desenvolvimento de um currículo que inclua conteúdos, histórias, brincadeiras e materiais que representem diferentes culturas, estabelecer parcerias com as famílias incentivando-os a compartilhar suas tradições culturais. Apresentar contos, histórias que apresentem personagens de diferentes culturas e tradições, isso ajuda as crianças a desenvolverem empatia, a compreenderem perspectivas diferentes e respeitarem ao próximo.

Nos Centros Municipais de Educação Infantil de Foz do Iguaçu (PR), docentes convivem cotidianamente com discentes pertencente a diversas etnias. Por isso, a proposta de formação continuada deve ter uma perspectiva intercultural, de acordo com a realidade local, podendo, assim, o professor identificar a diversidade linguística e quais culturas que existem na sala de aula.

Sob esta perspectiva formadora, a escola estará se reconhecendo como um espaço sociocultural e promotora de saberes interculturais, como um espaço que acolhe, respeita e integra a diversidade plural que compreende a comunidade escolar como um todo, a fim de valorizar e enriquecer a diversidade cultural, as várias identidades, para que todas circulem nesse espaço de forma democrática.

Para se alcançar tão almejada situação, acredito que não há outro caminho, senão adentrarmos à perspectiva intercultural dentro das escolas, o que não é tarefa simples, fácil ou descomplicada, pelo contrário, exige mudanças radicais na organização do currículo e do planejamento escolar, além de total abertura e adesão dos sujeitos escolares, do contrário, sofre a pena de ser apenas uma abstração.

REFERÊNCIAS

AMOP. **Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. Proposta pedagógica curricular: educação infantil:** rede pública municipal: região da AMOP. / Associação dos Municípios do Oeste do Paraná; [coordenação: Adriana Gonzaga Cantarelli, et al...] – Cascavel: Ed. do Autor, 2020. 253p.

BAKHTIN, M. **Arte e Responsabilidade. Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003

BÁRBARA, Santa e HAESBAERT, Rogério, M. de J. (2009). **Identidade e Migração em Áreas Transfronteiriças.** *GEOgraphia*, 3(5), 33-46. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2001.v3i5.a13398>, acesso em 05/07/23.

BARTOLOMEU, MA (2006). **Antropologia das fronteiras na América Latina.** *AmeriQuests* , 2 (1). Disponível em: <https://doi.org/10.15695/amqst.v2i1.41>, acesso em 05/07/23.

BERGER, I. R. (2015). **Gestão do multi/plurilinguismo em escolas brasileiras na fronteira Brasil - Paraguai: um olhar a partir do Observatório da Educação na Fronteira.** 2015. 290 p. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2015

BRASIL. **BNCC.** Base Nacional Comum Curricular (BNCC). 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: 20 nov. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília; Presidência da República. [1996]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRASIL. **Lei n.13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF. 26 jun. 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 28 set. 2023.

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Terezinha Machado. **Diferentes diferenças: interculturalidade na sala de aula.** Campinas: UNICAMP/MEC, 2009.

CAVALCANTI, Marilda do Couto. **Estudos sobre educação bilíngue e escolarização em contextos de minorias no Brasil.** D.E.L.T.A., v. 15, nº Especial, p. 358-417, 1999.

CANDAU, V. M. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo e Educação: desafios para a prática pedagógica.** In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 13-37.

CANDAU, Vera Maria. Escola, **Didática e Interculturalidade: desafios atuais.** CANDAU, Vera Maria (Org.). Didática Crítica Intercultural: aproximações. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012a. P. 107-138.

CANDAU, Vera Maria. **O Educador como Agente Sociocultural.** In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Didática Crítica Intercultural: aproximações. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012b. P. 55-80

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DEUS, Miriam de Oliveira Almeida de. **Formação inicial de professores (as) pedagogos no contexto multilíngue de Foz do Iguaçu.** 2019. 100 p. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2019.

FLORES, Olga Viviana. **Educação ampliada de professores para uma educação intercultural do entorno e decolonizadora: desconstruindo representações essencialistas.** 2022. 155 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu-PR.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996, 148 p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, SP, v.26, n.2, 1995.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP> Alinea, 2001.

IBGE _ **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Cidades _ Panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>. Acesso em: 28 set. 2023.

JULIANI, Elaine Manoel. **Representações sobre ser plurilíngue em escolas monolíngues de fronteira.** 2021. 113 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2021.

JULIANO, Dolores. **Educación Intercultural: escuela y minorias étnicas.** Madrid: EUDEMA S.A., 1993.

KUERTEN, Miriam Regina Giongo. **Valorização do multilinguismo: um mapeamento e planejamento linguístico escolar em Foz do Iguaçu**, PR. 2019. 137 p. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

_____. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisas qualitativas em saúde**. São Paulo (SP): Hucitec, 2014. 393p.

MOREIRA, Antonio Flavio; CÂMARA, Michelle Januário. **Reflexões sobre Currículo e Identidade: implicações para a prática pedagógica**. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. P. 13-37.

NASCIMENTO, Nayara do. **Formação para a educação intercultural indígena na rede municipal de ensino de Foz do Iguaçu**. 2021.97 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu-PR.

OLIVEIRA, Joelma Fernandes de. **Docências em escolas de fronteira: diferenças, silenciamento e possibilidades de pedagogias interculturais**. 2019. 272 f. Tese (doutorado) _ Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2019.

OLIVEIRA, Francisco Leandro de. **Acolhimento e integração de crianças refugiadas em escolas públicas da região de fronteira trinacional: um estudo de caso**. 2022. 135f. Dissertação (Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte Cultura e História. Foz do Iguaçu-PR, 2022.

PAIVA, Tatiane Lima de. **Ser aluno transfronteiriço em contexto de fronteira: representações de identidades**. 2018. 163 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2018.

PPC. **Proposta Pedagógica Curricular: Educação Infantil: rede pública municipal: região da AMOP**. Associação dos Municípios do Oeste do Paraná; [Coordenação: Adriana Gonzaga Cantarelli, et all...]. _ Cascavel: Ed. do Autor, 2020.

SANTIAGO, M. C.; AKKARI, A.; MARQUES, L. P. **Educação Intercultural: desafios e possibilidades**. Petrópolis: Vozes, 2013

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 1988.

TALLEI, J. I.; AMATO, L. J. D. **A formação continuada de docentes em escolas de fronteira sob o paradigma sentipensante**. *EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação*, [S. l.], v. 7, n. 17, p. 1284–1297, 2020. DOI: 10.26568/2359-2087.2020.4820. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/4820>. Acesso em: 6 set. 2022.

VALENZUELA, José Manuel. *Transfronteras: fronteras del mundo y procesos culturales* / José Manuel Valenzuela Arce (coordinador). — Tijuana : El Colegio de la Frontera Norte, 2014. 336 pp. ; 14 x 21.5 cm - **Transfronteras y límites liminales** - José Manuel Valenzuela Arce el colegio de la frontera norte

WALSH, C. **La interculturalidad en la educación**. Lima: DINEBI, 2001.